

ECCE HOMO: UM EXERCÍCIO DE PSEUDOEPIGRAFIA SOFISTA

Ecce homo: an Exercise of Sophistic Pseudo-Epigraphy

Rodrigo Francisco Barbosa¹

Vitória(ES), vol. 4, n.1
Janeiro/Junho 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutorando em Filosofia pela PUCPR/ Bolsista Capes/PROSUP
E-mail: semcentro@gmail.com

RESUMO: Nossa hipótese é a de que há *elementos discursivos* no livro *Ecce homo* que configuram-no como *um exercício de pseudoepigrafia sofista*. Para tanto, investigamos dois elementos específicos: em primeiro lugar, discutimos uma marcada tensão em Nietzsche com uma “disposição cética” (*Skepsis*) que, apesar de sua forma inicial como um “pirronismo histórico”, parece perpassar seu pensamento como radicalização da crítica da historiografia; em segundo lugar, e, complementarmente, exploramos o funcionamento de um tipo de discursividade em *Ecce Homo* que permite-nos interpretá-la como *um exercício de pseudoepigrafia sofista*. Trata-se, por fim, de verificar se os desafios da tensão da “atitude radical frente a possibilidade de atribuir confiabilidade aos testemunhos históricos” de Nietzsche, são balizados por uma *instrumentalização material da linguagem* que imita “catastroficamente” o *gesto sofista de fabulação-invenção* de uma narrativa “monumental” de *si* como *pseudoepigrafia*.

Palavras-chave: *Ecce homo; Discursividade; História monumental; Pseudoepigrafia; Cassin.*

ABSTRACT: Our hypothesis is that there are *discursive elements* in the *Ecce Homo* book that configure it as *an exercise of pseudo-epigraphy sophist*. Therefore, we investigated two specific elements: first, we discussed a marked tension in Nietzsche with a "skeptical disposition" (*Skepsis*) that despite its initial form as a "historic Pyrrhonism" seems to pervade his thinking as critical radicalization of historiography; Second, and in addition, we explore the workings of a type of discourse in *Ecce Homo* that allows us to interpret it as *an exercise of pseudo-epigraphy sophist*. It is, finally, to check if the challenges of tension of "radical attitude towards the possibility of assigning reliability to historical evidence" Nietzsche's, are marked by a *material instrumentation of language* that mimics "catastrophically" the *sophist gesture of fiction-inventing* a narrative "monumental" of "self" as pseudo-epigraphy.

Keywords: *Ecce homo; Discursivity; Monumental History; Pseudo-epigraphy; Cassin.*

Introdução

“Meu velho mestre Ritschl chegou a afirmar que eu concebia mesmo meus trabalhos filológicos como um *romancier* parisiense – de modo absurdamente excitante.”²

“*Error veritate simplicior* [o erro é mais fácil que a verdade]” diz um sintagma bem conhecido da tradição filológica³. Embora aparentemente banal no âmbito da filosofia, o sintagma ecoa, a nosso ver, como uma máxima que orienta a experiência filológica de Nietzsche acerca de seu relacionamento com a sofística e a ausência de fontes desta: “deixar um antigo erro seguir seu caminho”, eis uma possível interpretação do sintagma em relação à ausência de fontes da sofística que, desde Platão, surge como exemplo fundamental de um projeto “filologicamente irrefutável”, ou seja, como um exemplo de que qualquer tentativa de elogio da sofística depois de Platão seria uma “causa sem esperança”, como destaca J. Mann⁴. Neste sentido, a questão que se coloca é a seguinte: se, reconhecermos como ponto de partida

² EH, *Por que escrevo livros tão bons* 2, p. 55. As obras de Nietzsche aqui utilizadas são da edição da Companhia das Letras traduzidas por Paulo César de Souza.

³ A, 168, p. 124.

⁴ “Nietzsche sees the Platonic depiction of the Sophists as philologically irrefutable, and thus the cause as hopeless.” MANN, *Nietzsche's interest and enthusiasm for the greek sophists*, p. 412. Todas as traduções de

que, o acesso à possível potência que foi a “sofística” passa por uma espécie de “darwinismo textual”, isto é, “um processo de seleção de uma triunfante tradição que acaba definindo nosso ponto de vista sobre a filosofia e a história”, como destaca Barbara Cassin⁵, então, quais seriam os possíveis acessos alternativos a esse suposto potencial acerca daquilo que a tradição denominou “sofística” e suas relações com o pensamento de Nietzsche? Uma vez que aceitamos com Martin Stingelin que “o pensamento de Nietzsche é movimentado por uma dupla tensão entre crítica da história e crítica da linguagem”⁶, a motivação fundamental deste trabalho⁷ é a de investigar em que medida a consequência negativa de bloqueio e *confisco* produzido por essa determinação material que o exemplo do “*error veritate simplicior*” suscita, pode ou não ser *superada criativamente*, a partir de Nietzsche, por meio de dois elementos difusos que, observados a luz de um *gesto discursivo*, permitem uma inserção interpretativa de um *gesto sofista* no “palco dos acontecimentos”⁸: em primeiro lugar, temos uma marcada tensão em Nietzsche junto a uma “disposição cética” (*Skepsis*) que, apesar de sua forma inicial como um “pironismo histórico”⁹, perpassa seu pensamento como radicalização da crítica da historiografia, conforme veremos; em segundo lugar, e, de maneira complementar, temos o funcionamento específico de um tipo de *discursividade* experimentada por Nietzsche em *Ecce homo* que, observada à luz da tensão mencionada entre “crítica da história” e “crítica da linguagem”, permite-nos interpretá-la como *um exercício de pseudoepigrafia sofista*. Em última instância, a hipótese aqui mobilizada consiste em assumir que o modo como Nietzsche contorna as aporias e desafios da tensão de sua “atitude radical frente a possibilidade de atribuir confiabilidade aos testemunhos históricos” que o “pironismo histórico” ampara¹⁰, se dá a partir de uma *instrumentalização material da linguagem* que, especialmente em *Ecce homo*, imita “catastroficamente”¹¹ o *gesto sofista* de *fabulação-invenção* de uma narrativa “monumental”¹² de *si* como *pseudoepigrafia*.

textos em outro idioma são de nossa autoria, exceto quando indicado.

⁵ CASSIN, *Who's afraid of the sophists? Against ethical correctness*, p. 104.

⁶ STINGELIN, *Historie als “Versuch das Heraklitische Werden [...] in Zeichen Abzukürzen”*, p. 29.

⁷ Trata-se de uma série de intuições-hipóteses que trazemos a público para experimentação e que estão em desenvolvimento em nossa tese de doutoramento sobre Nietzsche e a Sofística.

⁸ Tomamos essa expressão de empréstimo do prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal, sempre presente em suas falas e textos.

⁹ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 141, p. 191.

¹⁰ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 141, p. 191.

¹¹ “seguindo o modelo dos *kataballontes*, os 'argumentos demolidores', os 'argumentos-catástrofes' cuja invenção se atribui precisamente a Protágoras” CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 202.

¹² Retomaremos a discussão dessa questão trabalhada por Nietzsche em *Considerações Extemporâneas II: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Doravante: Co.Ext II, HL.

“A história verdadeira, *Verae historiae*”¹³

Insistir no discurso da história e em como escrevê-la já é jogar propositalmente com a amplitude do sentido de *historia*, investigação e narrativa, escrever a história e contar histórias. Assim como insistir na importância decisiva da escolha dos fatos [...] é pôr o dedo na homonímia constitutiva do *factum*: ele aconteceu e foi fabricado¹⁴.

É difícil não imaginar que um “contraclássico pensador” e um “amante da heterodoxia” como Nietzsche¹⁵ não tenha realizado uma profunda *visitação* junto ao ceticismo, sua história e suas nuances mais decisivas. Conforme nos mostra o trabalho de Lopes – um dos poucos trabalhos disponíveis a tratar do assunto de modo pormenorizado em português –, essa *visitação* de Nietzsche é mobilizada em todas as mais diversas nuances e motivações do ceticismo: seja como “motivação ontológica”, “motivação ética”, “motivação terapêutica”, seja, por fim, como “motivação metodológica”¹⁶. Para além de precisar as caracterizações dessas motivações no que se refere às obras de Nietzsche, o escopo desse nosso trabalho, muito semelhante às intenções de Stanley Cavell acerca de sua análise de certos “filósofos destrutivos”¹⁷, consiste em reconhecer a eficácia da *discursividade* das “500.000 opiniões” de Nietzsche¹⁸ e seu exame da “confiabilidade dos testemunhos históricos”¹⁹. Dito de outro modo, a ideia é verificar a possível relação entre um aporte *destrutivo/construtivo* da “disposição cética” (*Skepsis*)²⁰, e as marcas discursivas posteriores na forma dos escritos de Nietzsche, mais especificamente *Ecce homo*. Neste sentido, o *locus* inicial da discussão acerca dessas questões é o trabalho filológico do autor, que, marcadamente, perpassa suas obras posteriores com tons e facetas variadas na forma de uma heterogeneidade discursiva muito peculiar.

O ponto de eclosão dessa “disposição cética” que nos interessa é o contato de

¹³ Alusão ao título da obra de Luciano de Samósata “A história verdadeira” da qual Barbara Cassin traduz trechos em anexo de seu livro: CASSIN, O efeito sofístico, p. 421.

¹⁴ CASSIN, O efeito sofístico, p. 239.

¹⁵ “He was in ways a counter-classical thinker, or rather, and more simply, a counter-thinker, a lover of heterodoxy.” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 30.

¹⁶ “Creio que é possível enumerar quatro motivações para o ceticismo: todas elas estão presentes em Nietzsche (em graus e momentos distintos de sua produção) e correspondem a figuras historicamente identificáveis desta tradição.” LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 20.

¹⁷ “seu interesse em interpretar certos filósofos como ‘filósofos destrutivos’, onde esta destrutividade pode, de fato, ser compreendida como filosoficamente criativa” CAVELL, *Beginning to Read Barbara Cassin*, p. 99.

¹⁸ Citado por Viesenteiner (KSA 11, 34[1], p. 432): VIESENTEINER, *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, p. 120.

¹⁹ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 141, p. 191.

²⁰ Num dos mais importantes trabalhos sobre Nietzsche e o ceticismo, Rogério Antonio Lopes salienta que “disposição cética” seria, “em certos contextos” a melhor expressão para traduzir o termo alemão “*Skepsis*” utilizado por Nietzsche: LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 198.

Nietzsche com a obra de seu contemporâneo, o filólogo Valentin Rose²¹. De acordo com Lopes, Nietzsche “chegou a produzir um fichamento das primeiras 27 páginas do livro de Rose” intitulado “*De Aristotelis Librorum Ordine et Auctoritate* (1854)”²². O fascínio exercido em Nietzsche pela leitura de Rose²³ pode ser descrito como uma admiração para com o filólogo que teria “lançado uma nova luz sobre o tema da pseudo-epigrafia [sic], contribuindo decisivamente para minar nossa credulidade em relação à autenticidade das fontes antigas e o valor que creditamos à tradição”²⁴, ou seja, Rose desperta no jovem filólogo Nietzsche a fundamental desconfiança de que a credibilidade dos testemunhos históricos da tradição estaria comprometida, talvez, de uma maneira irreparável. Embora Valentin Rose tenha exercido esse papel de um *começo*, em relação a um radical ceticismo de Nietzsche, ao ponto de fazê-lo suspeitar que “nossa visão da antiguidade poderia repousar sobre uma enorme fraude histórica”²⁵, ele não o foi como *fim* em si mesmo e, conforme veremos com Porter, haverá reformulações dignas de um “amante da heterodoxia” que *não se cansa de rever suas posições*²⁶.

O contexto dessa recepção de Rose é o período de atividade de Nietzsche como filólogo profissional. Para além da condenação que o filósofo recebe nas páginas da história da filologia clássica alemã, e pela qual Chatterjee ironiza ao salientar que, posteriormente, Nietzsche recebe a alcunha de “*fascista, misógino e anti-semita*”, mas, nunca a alcunha de “*linguista*”²⁷, conforme assinala Porter, Nietzsche – para revelia de seus acusadores²⁸ – “certamente é um dos mais promissores e menos realizado classicista de todos os tempos”²⁹. Deixando de lado as nuances dessa querela e o “silêncio” dos filólogos profissionais sobre o

²¹ Além de inúmeras menções ao autor nas edições do “BAW”, o biógrafo Paul Curtis Janz também destaca essa importância: “question qui lui avait été suggérée par la lecture du livre de Valentin Rose consacré à cet auteur” JANZ, *Nietzsche*, p. 162.

²² LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 141, p. 192.

²³ Comentado por Hans Joachim Mette no conjunto das primeiras edições dos póstumos e obras filológicas de Nietzsche, o BAW = Frühe Schriften.

²⁴ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 141, p. 192.

²⁵ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 199.

²⁶ PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 30.

²⁷ “Por que alguém, conhecido como um filólogo de talento, nomeado Professor de Filologia – como o estudo profissional da linguagem era conhecido – na Universidade da Basileia aos vinte e quatro anos, doutorado com o isento exame de Leipzig, berço da Linguística Comparatista, por que teve Nietzsche tão pouco a ver com a Linguística subsequente?” e ainda: “a única alcunha que Nietzsche não recebeu contra ele foi a de *linguista*” CHATTERJEE Apud: MACHADO, *Para além das palavras e das coisas: Friedrich W. Nietzsche e as Ciências da Linguagem*, p. 33.

²⁸ O “veredito” de “Wilamowitz, Usener, Reinhardt” como destaca Lopes, ao comentar o ensaio de Gigante como “estudo pioneiro na tentativa recente [somado às contribuições de James Porter e Christian Benne] de rever o veredito”: LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, nota 154, p. 203.

²⁹ “surely as one the more promising and least realized classicists of all time” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 27.

texto *O Nascimento da Tragédia*, que já foi analisado por vários intérpretes³⁰, o que parece decisivo neste ponto é o contato de Nietzsche com esse *clima de opinião* da ciência filológica (*Altertumswissenschaft*) de seu tempo, que o divide ante a polarização de duas escolas concorrentes e que parece preparar o terreno para o seu reconhecimento, com Rose, do “pirronismo histórico”, sua reavaliação, e a construção de seu *projeto filológico próprio*: a “*Wortphilologie*” e a “*Suchphilologie*”.

Nesse sentido, em sua análise da *Segunda Extemporânea* de Nietzsche no “contexto dos estudos filológicos do século XIX”, Anthony Jensen caracteriza as duas vertentes dessa polarização, no intuito de demonstrar o contexto em torno do qual tais correntes levariam até Ritschl, que parece ser o mobilizador fundamental da assimilação (ou não) dos métodos dessas escolas por parte de Nietzsche³¹. Enquanto a “*Wortphilologie*” teria como principal expoente Johann Gottfried Jakob Hermann e, seria a escola filológica, muitas vezes chamada de “positiva” e “crítica”, que “aproxima-se da antiguidade com as ferramentas de correção textual, códices e criticismo literário”³², a “*Suchphilologie*”, com August Boeckh como representante, estaria interessada em “demonstrar a amplitude do espírito da escrita da antiguidade e implantar este ideal no interior dos corações e mentes de seus estudantes”, enquanto denominação de uma concepção “hermenêutica, 'antiquária' e 'humanística’”³³. Mesmo reconhecendo o fato dessa divisão ser um tanto “simplista”, Jensen destaca também uma espécie de continuidade no decorrer dessa polarização pelos quais teríamos, especialmente, de um lado, Hermann, Lachmann e Wilamowitz-Moellendorff (*Wortphilologie*) e, de outro lado, Boeckh e Otto Jahn (*Suchphilologie*), o que seria uma básica polarização entre as escolas, respectivamente, de Leipzig e Bonn. O mais interessante disso tudo, como salienta Jensen, é que Ritschl parece estar *politicamente* dividido, uma vez que *migra* a revista de filologia “*Rheinisches Museum für Philologie*” da escola de Bonn para

³⁰ Em especial, no que se refere ao “silêncio”: Cf. WHITMAN, *Nietzsche in the Magisterial Tradition of German Classical Philology*, pp. 453-468; PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, pp. 27-50; NASSER, *Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos*, pp. 79-104.

³¹ Em nota, Jonathan Barnes menciona uma carta de Nietzsche ao amigo Paul Deussen de 4 maio de 1867 (KGB 1/2, p. 205 [no. 539] = BAB II, p. 127 [no. 333]) que conteria um “tributo a Ritschl” BARNES, *Nietzsche and Diogenes Laertius*, nota 12, p. 18. Lopes também destaca, por exemplo, a pretensão de Nietzsche de publicar um dos projetos filológicos (nesta adesão dos métodos de Rose) jamais levado a diante sobre Demócrito, numa “coletânea dedicada a Ritschl”: LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, nota 154, p. 193.

³² “the first of which has sometimes been labelled 'positive', 'critical, or *Wort-Philologie*, approaching antiquity with the tools of textual emendation, codices, and literary criticism” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 215.

³³ “demonstrate the writ-large spirit of antiquity and to implant that ideal into the hearts and minds of their students, was variously named 'hermeneutical', 'antiquarian', 'humanistic', or *Sach-Philologie*” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 215.

Leipzig e, enquanto um “Hermano com crescentes simpatias em torno do antiquarismo”, Ritschl “falha ao abraçar as duas tradições”, na medida em que “aos olhos de Lachmann, Haupt e agora Jahn,” aparentaria estar “conduzindo alguma coisa de um golpe”³⁴. Como um *bom discípulo que então supera o mestre*, Nietzsche, de acordo com Jensen, “em seus primeiros dois livros, com a eficácia de uma nova voz, rejeita ambas as tradições, posicionando-se numa terceira forma própria”³⁵. O que, seria relativamente acertado, vindo de Nietzsche, uma vez que o filósofo alemão não se permite manter nessa querela, reduzida ao âmbito da “estupidez”³⁶. Assim, trazer essas questões gerais acerca da atividade de Nietzsche como filólogo serve para nos auxiliar no argumento de que no interior do contexto das investigações de Nietzsche sobre as fontes, por exemplo, de Diógenes Laércio³⁷ e o estimulante fascínio de Rose quanto as questões da pseudoepigrafia, as tensões com o “pírronismo histórico”, aparecem como fundamentais para compreender a ênfase, sempre perceptível ao longo das obras posteriores, do caráter *valorativo* e eminentemente *criativo do processo interpretativo da história*³⁸.

Se, num momento inicial, Nietzsche teria se vinculado a uma “tradição da historiografia moderna”, que “adota como método a confrontação das diversas testemunhas históricas de forma a exibir as contradições da tradição” e tem como rubrica geral o “pírronismo histórico”, num momento posterior, o filósofo alemão parece rever suas posições junto a essa tradição cujo maior representante era Pierre Bayle³⁹. Nesse mesmo sentido, segundo Lopes, Porter reconhece um deslocamento sutil em relação à adesão de Nietzsche

³⁴ JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 218.

³⁵ “in his first two books, with a powerful new voice, reject both traditions on the way to positing a third way of his own.” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 218.

³⁶ “In the end, Nietzsche's resignation was plain: 'Wort- und Sach-Philologie – stupid quarrel’” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 227. e “Cumprer lembrar que Nietzsche desprezava a disputa metodológica entre Sprach e Sachphilologie, classificando-a como uma 'estupidez' (Nachlass/FP 1875, 5[106]. KSA 8, 67)” NASSER, *Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos*, p. 98.

³⁷ Nietzsche publica, em 1869 e 1870, três textos filológicos sobre a atribuição das fontes de Diógenes Laércio: “*De laertii Diogenis Fontibus*”, “*Analecta Laertiana*”; e, “*Beiträge zu Quellkund und Kritik des Laertius Diogenes*”. Embora os textos apresentem respectivas modificações e correções bem salientadas por Barnes, há uma unidade que liga as três publicações (chamada por Nietzsche de “*Grundhypothese*”) e que se pauta pela indicação de que “Diógenes Laércio é um resumo de Diocles de Magnésia”, apesar de Nietzsche deixar claro que as fontes do doxógrafo são duas: “Diocles e Favorino” BARNES, *Nietzsche and Diogenes Laertius*, p. 16, 21-22.

³⁸ Em certa medida com o auxílio da compreensão de Lange pela qual Nietzsche vê uma “possibilidade de uma contrapartida construtiva” relacionadas as tensões junto ao ceticismo radical: LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, p. 195.

³⁹ LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, p. nota 140, p. 191. Nasser destaca ainda que “essas primeiras considerações coexistem com outras, notadamente mais originais e audazes, nas quais Nietzsche é condescendente com o positivismo que alimenta o método histórico-crítico.” NASSER, *Nietzsche e a reforma*

para a “disposição cética” (*Skepsis*): de acordo com Porter, Nietzsche, inicialmente inspirado por Rose, conforme mencionado, partilha uma adesão ao “pirronismo histórico” para realizar sua investigação sobre os livros atribuídos ao filósofo pré-socrático Demócrito. No entanto, Porter salienta que, posteriormente, Nietzsche revê a posição anterior como “insustentável e improdutiva” na medida em que, agora, o filósofo alemão, adota uma perspectiva na qual os “juízos históricos são inseparáveis de juízos estéticos e valorativos”⁴⁰. Apenas para salientar, é curioso notar que embora existam nuances distintas no desdobramento da argumentação, o *pano de fundo* dessa problematização feita por Nietzsche, especialmente no caso da “parcialidade da interpretação da história”⁴¹, nos parece substancialmente análoga ao recente debate sobre o “estatuto do texto” da Sofística pelos quais os estudiosos digladiam-se entre “Fundacionalistas” e “Neosofistas”: por exemplo, no primeiro caso, ao demonstrarem a impossibilidade de interpretar a sofística a não ser pela “*ipsissima verba*”, isto é, como uma exigência de *objetividade*, a partir do texto, da “palavra dos sofistas” e seu “contexto” como salienta Edward Schiappa; já, no segundo caso, se argumenta enfatizando a inevitabilidade do processo interpretativo “produzir” a “*ipsissima verba*” e, portanto, a exigência da objetividade textual para o intérprete, se esvairia na parcialidade da interpretação da sofística que carece de fontes diretas⁴². É nesse ponto que as contribuições de Nietzsche nos parecem mais salutar.

Assim, como salienta Lopes, é interessante notar que Niehus-Pröbsting chega a uma conclusão semelhante àquele deslocamento da posição cética do filósofo alemão, enfatizando de forma especial “a retomada em Nietzsche da anedota como um recurso legítimo da historiografia filosófica”⁴³. Nesse sentido, reconhecer o elemento da anedota, por exemplo, parece-nos um aspecto importante, na medida em que, enquanto um “ganho cognitivo” do processo de adesão à “disposição cética”⁴⁴, e, por consequência disso estar inserido na *discursividade* de Nietzsche, confere ao caráter *criativo da interpretação da história* uma

metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos, p. 91.

⁴⁰ PORTER, J. Apud: LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 194.

⁴¹ Que poderíamos simplificar pela conclusão de Jensen (acerca das discussões sobre o estatuto de uma “filosofia da história” em Nietzsche) de que “uma compreensão de valor neutro e sem-sujeito da história é simplesmente um empreendimento impossível”: “a subjectless and value-neutral understanding of history is simply an impossible undertaking” JENSEN, Apud: EMDEN, *Nietzsche's Philosophy of History by Anthony K. Jensen* (review), p. 365.

⁴² Apresentamos alguns pontos dessa discussão em BARBOSA, *Se Nietzsche, então Sofística*, pp. 273-280. Cf: “CONSIGNY, *Edward Schiappa's reading of the Sophists*, pp. 253-269; DB, *Response to 'Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?'*, pp. 390-391.; JARRAT, *The first sophists and the uses of History*, pp. 67-78.; POULAKOS, *Sophistical rhetoric in classical greece.*; SCHIAPPA, *Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?*, pp. 05-18.; SCHIAPPA, *Some of my best friend are Neosophists: A response to Scott Consigny*, pp. 272-279.; SCHIAPPA, *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece.*; SCENTER-ZAPICO, *The Case for the Sophists*, pp. 352-367.”.

⁴³ Comentário de Lopes em nota: LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 194.

⁴⁴ LOPES, Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche, p. 195.

problematização radical da relação entre “valor” e “verdade” que, a nosso ver, colocaria “o dedo na homonímia do *factum*”⁴⁵ das narrativas sobre a história⁴⁶. Embora possamos reconhecer que as tensões acerca da “confiabilidade dos testemunhos históricos” no jovem Nietzsche estejam ligadas a elementos, digamos, “epistemológicos”, não podemos perder de vista uma espécie de compromisso do filósofo com a “honestidade intelectual”, que aparece como preocupação fundamental junto à “disposição cética” em relação à exposição de seu pensamento⁴⁷. Neste sentido, poderíamos assentir com o comentário de Emden de que “Nietzsche está mais interessado nos problemas epistemológicos da representação histórica” do que com um “retorno ao passado junto a poesia ou vida dentro da literatura”⁴⁸. No entanto, é no interior dos modos de exposição da “poesia” e da “literatura” que o funcionamento mais radical da crítica ao valor da historiografia, a nosso ver, acontece em Nietzsche⁴⁹.

Portanto, o “lado diabólico” do professor Nietzsche, que se utiliza de técnicas para “escandalizar sua audiência”⁵⁰, ao tomar conhecimento do “pírronismo histórico” pela leitura de Valentin Rose, método que, como uma “disposição cética” radical, exige que “todas as testemunhas históricas” sejam consideradas “suspeitas até que se prove o contrário”⁵¹, faz com que Nietzsche tenha um cuidado estratégico com a *discursividade* no trato com a “história”. Nesse sentido, torna-se difícil não imaginarmos que o modo como o filósofo alemão coloca essa radical “disposição cética” em movimento em seu pensamento, não seja por meio de elementos de uma *discursividade* que problematiza, *a partir de dentro*, a relação entre “valor” e “verdade”. Das diversas experimentações de Nietzsche, insistimos, especificamente, na noção de “história monumental” que, por sua peculiaridade e destaque nos escritos posteriores, permite-nos observar a produção do “*factum*” da história (mesmo a narrativa de um “si”) como *pseudoepigrafia burlersca* do “sr. Nietzsche”⁵².

⁴⁵ CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 239.

⁴⁶ Esse é o elemento que liga nossos dois argumentos: a inevitabilidade de valorar ao interpretar a história é o que permite pensar *um exercício criativo de pseudoepigrafia sofista* em Nietzsche. Cf. (BROBJER, 2008; JENKINS, 2014; JENSEN, 2008; NASSER, 2015; WHITMAN, 1986; e PORTER, 2014).

⁴⁷ Em Lopes essa questão complexa, aparece como o desafio de Nietzsche, que relaciona “valor” e “verdade”, no âmbito de compreender os “compromissos da vida teórica” LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, p. 195.

⁴⁸ EMDEN, *Nietzsche's Philosophy of History by Anthony K. Jensen* (review), p. 365.

⁴⁹ Reproduzimos o pequeno trecho do contexto do qual Barbara Cassin examina a “crítica de Aristóteles” a Górgias e, melhor sintetiza o problema em questão: “A poesia é, de fato, o primeiro ponto de fricção ou de junção entre *pseudos* e *plasma*. Em outras palavras, ela é constituída por uma tensão entre filosofia e sofística” Cf.: especialmente item “De pseudo a plasma” CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 215-221.

⁵⁰ PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 30.

⁵¹ “O método pírrônico adota como divisa que todas as testemunhas históricas são suspeitas até que se prove o contrário. Esta divisa é uma resposta à descoberta de uma sucessão de falsificações intencionais de documentos que marcou a própria história de constituição da filologia como disciplina científica na modernidade.” LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, p. 199.

⁵² Vale ressaltar o trabalho de Tongeren em mostrar a complexa relação em ABM da “probidade intelectual” e a

A “história monumental” como “boa narrativa e má história” do “sr. Nietzsche”

Talvez descubramos precisamente aqui o domínio da nossa invenção, esse domínio em que também nós ainda podemos ser originais, como **parodistas da história universal** e bufões do Senhor, quem sabe⁵³.

Em seu texto sobre as discussões acerca da “história” na *Segunda Extemporânea* de Nietzsche, Anthony Jensen defende a tese que “a abertura dos capítulos” de “*Da utilidade e desvantagem da história para vida*”, “pode ser lido, pelo menos em parte, como um tipo específico de resposta” de Nietzsche a Wilamowitz-Moellendorf. Segundo esse autor, a resposta de Nietzsche por não ser “teorética”, mas “filosófica” e “psicológica”, tende a “revelar suas vantagens e desvantagens para a vida mais como tipo psicológico” do que como um “estudioso com as metodologias descritas”⁵⁴. Esse nos parece um excelente ponto de entrada em relação à discussão da “história monumental”, na medida em que nos permite, por um lado, observar uma inserção de Nietzsche no próprio problema da discussão sobre a história, e, por outro lado, já na posse de um outro registro da crítica (o elemento da “psicologia”), observar o distanciamento em relação àqueles com as quais Nietzsche estabelece suas diferenças: de maneira especial, um “microcopista histórico-natural da linguagem” ou mesmo um daqueles “meticulosos micrólogos” que na esteira do criticismo de Karl Lachmann, encontra-se Wilamowitz-Moellendorf⁵⁵.

Algo desse *olhar filosófico* que a inserção do elemento da “psicologia” oferece no exemplo descrito, parece ser um aspecto já utilizado no procedimento em sala de aula pelo “lado diabólico” de Nietzsche ao “infectar seus alunos com filosofia”, como salienta Porter⁵⁶. O exemplo mais contundente desse intento parece acontecer nas notas de leitura da “*Choephorí de Ésquilo*”, do contexto de desenvolvimento d’*O Nascimento da Tragédia* (1869-72), pelo qual Nietzsche explora “algo de uma especulativa recreação” com cuja experimentação no âmbito da “sensibilidade de Ésquilo” é considerada, evidentemente, “não-

“paródia” TONGEREN, A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre “Para além de bem e mal”, pp. 132-174.

⁵³ ABM, 223, grifo nosso.

⁵⁴ “Nietzsche feels compelled to reveal their advantages and disadvantages for life as psychological types rather than as scholars with the methodologies I have described here.” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 221.

⁵⁵ Essas expressões parecem confirmar a tese de Jensen de que os dois primeiros textos de Nietzsche se apresentariam como um deslocamento àquela polarização e, em especial, o início da *Segunda Extemporânea*, como “um tipo de resposta a Wilamowitz”, conforme mencionamos. Respectivamente, NT 20 “*naturhistorischer Sprachmikroskopiker*” e Co.Ext II, HL, 2 “*peinliche Mikrologen*”. Utilizamos aqui a edição de NT da Companhia das Letras traduzida por J. Guinsburg (NIETZSCHE, *O nascimento da Tragédia*, p. 119) e, a edição espanhola das Extemporâneas (NIETZSCHE, *Segunda consideración intempestiva*, p. 29).

⁵⁶ “he was ‘infecting’ his pupils with ‘philosophy’” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 30.

clássica”⁵⁷. Aqui, como salienta Porter, temos um *lugar de teste* com o qual Nietzsche experimenta algo daquilo que aparecerá na forma da “história monumental” em que, a partir de um “cultivo do anacronismo” e como, efetivamente “modernos”, necessitaríamos “experimentar um *efeito*” diante da Antiguidade⁵⁸.

Nesse sentido, esse “anacronismo” que Porter relaciona a uma possível influência de J. G. Droysen e serviria como um “antídoto” contra a “adoração exclusiva” ao clássico século V a.C. na Grécia⁵⁹, seria basicamente o processo identificado por Nietzsche do “limite entre a Antiguidade (Helenismo) e a Modernidade (pós-Goethe, etc)” sob a prerrogativa de uma inevitável dependência do “antigo Alexandrismo” para ler a Antiguidade, isto é, tanto para Droysen como para Nietzsche, o chamado “classicismo era muito mais um produto do antigo Alexandrismo”, onde “Alexandrismo” significa “a Grécia vista através” do “Helenismo romano universal”⁶⁰. Ademais, de acordo com Porter, enquanto Droysen “estrategicamente validaria a era helenística para deslocar o ideal clássico”, Nietzsche, diferentemente, “valida a era pré-clássica para [obter] o mesmo efeito”, isto é, “desmistificar, desmitologizar e re-historicizar a imagem do 'clássico’”⁶¹. O que nos parece interessante dessa tese de Porter de identificar Nietzsche como um “anunciador” desse “anacronismo” junto à influência de Droysen⁶², é o fato de que, se aceitarmos que a noção de “história monumental” surge nesse quadro, então, o processo de levar às últimas consequências esse “anacronismo” como “anúncio” de um *problema*, apresenta-se de forma especial ao ser realizado a partir de seu *interior*, por meio de uma *discursividade* tal que a *monumentalidade* ganha contornos cósmicos e, assim, permita extrair alguma *utilidade da história para a vida*, como quer Nietzsche.

Desse modo, as análises de Jensen e Jenkins sobre esse aspecto são fundamentais para compreender nossa interpretação do uso realizado por Nietzsche da “história monumental”. Para além do panorama fundamental, já destacado por Jensen, segundo o qual na *Segunda Extemporânea* Nietzsche estaria realizando um “tipo de resposta” a Wilamowitz-Moellendorf

⁵⁷ PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 29.

⁵⁸ O que, de certo modo seria, de acordo com Porter, algo de um *exercício pirrônico* da “filologia do futuro” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 31-2.

⁵⁹ “Droysen's *Geschichte des Hellenismus* was in fact an antidote to the exclusive adoration of high classical fifth-century Greece.” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 39.

⁶⁰ “Nietzsche follows through with Droysen's logical identification of the two modernities, ancient (Hellenism) and modern (post-Goethe, et. al.) and acknowledges what Droysen also surely knows but does not dwell on, namely that classicism was very much a product of ancient Alexandrism: it was very much an 'image of [Greece as seen through] Roman-universal Hellenism, Alexandrism'.” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 40

⁶¹ “Nietzsche normally goes the other way, validating (at least to all appearances) the preclassical era,(...), to the same effect – that is, in order to desmytify and demytologize, and to rehistoricize, the image of 'the classical'...” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 40.

e, com isso, “escreve[endo] um livro sobre história” e sobre “um particular conjunto de historiadores”⁶³, por outro lado, Nietzsche estaria também efetivando um *distanciamento* da tradição dominante da historiografia de seu tempo, e, sobretudo, nesse aspecto, poderia extrair alguma efetiva utilidade “para a vida” das “vantagens” do método da “história monumental”.

Assim, de acordo com Jenkins, poderíamos dividir os “benefícios” da “história monumental” em “duas categorias gerais”: 1) *prover informações sobre os afazeres humanos* e, 2) *um aprendizado psicológico e afetivo*. O primeiro benefício, segundo Jenkins, é descrito por Nietzsche como “conhecimento de causa e efeito”, que, em certa medida, proporcionaria uma espécie de *modelo* pelo qual seria possível “tomar o passado para ser imitável[*nachahmbar*] e possível para uma segunda vez”, gerando, “certo controle sobre o futuro”. Num sentido muito próximo da “História de Roma” de Lívio, como destaca Jenkins, esse tipo de benefício da “história monumental” proporcionaria, não um “conhecimento”, mas, *geraria* “máximas de ação que” nos *permitiria* “selecionar entre futuros possíveis”⁶⁴. No entanto, para Jenkins, esse foi um “uso da história” muito pouco discutido por Nietzsche, mesmo quando discute Políbio⁶⁵. Por outro lado, no segundo benefício da ordem do afeto e da psicologia, Jenkins destaca que, quando Nietzsche discute sobre essa questão, ele “fala de uma pessoa como fortalecida ou inspirada pela grandeza do passado”, e, efetivamente, o “ganho” do intérprete da história se dá na medida em que ele “se vê como *exemplum* mostrado na história monumental”⁶⁶.

Contudo, em Jansen, o benefício desenvolvido em seu texto que, nos parece importante, é o segundo que situa a questão para o aspecto psicológico do “tipo monumental” como Nietzsche descreve⁶⁷. É neste sentido que o critério de diferenciação entre o “verdadeiro filólogo” e o “mero trabalhador filológico” consiste, segundo Jansen, não no “grau de aptidão técnica”, mas na “qualidade essencial que faz de alguém 'mestre', 'grande' ou 'sábio’”. Desse modo, essa prerrogativa de suposta *superioridade* do “filologista monumental” é

⁶² “Nietzsche's is openly advertising the fact” PORTER, *Nietzsche's Radical Philology*, p. 45.

⁶³ “I wish to content that the second Untimely Meditation is a book about history, foremost, but also a book about a particular set of historians.” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 214.

⁶⁴ “for Nietzsche to presente monumental history as aiming to benefit life (...) through generating maxims of action that enable us to select among possible futures.” JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 171.

⁶⁵ JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 171.

⁶⁶ “In short, the student of history gains strenght through seeing himself in the *exemplum* displayed on the monument of history.” JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 172.

⁶⁷ JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 224.

advinda de sua própria “visão de mundo”, na medida em que ele, “artisticamente pinta sua própria Antiguidade com uma seletiva qualidade de julgamento”⁶⁸. Esse *encontrar nobreza no passado por meio de sua própria valoração atual* parece-nos exatamente o aspecto *criativo da interpretação da história* que Nietzsche requer para si e para o processo com o qual busca, a partir de uma “disposição cética” como pano de fundo, obter benefícios dessa “história”, que é engendrada por uma *atividade criativa*, “para a vida”⁶⁹.

Segundo nosso modo de ver, esse benefício psicológico da “história monumental” é não apenas discutido teoricamente e, isoladamente, na *Segunda Extemporânea*, mas *instrumentalizado materialmente* por meio de elementos de *discursividade* que põe em prática em seus textos, diversos experimentos no interior da problematização fundamental da relação entre “valor” e “verdade”. Como salienta Jenkins, as múltiplas “figuras” e “tipos”, com os quais Nietzsche mobiliza a *monumentalidade*, auxilia-nos nesse argumento. Mesmo, e, efetivamente, tratando-se de “tipos inventados”, essas “figuras”, de acordo com Jenkins, exercem a mesma função que o “*exempla* encontrado em Lívio e Tucídides”⁷⁰. Um exemplo fundamental salientado por Jenkins, é o fato de que “Zaratustra, como um tipo *afirmador da vida*, inspira Nietzsche, apenas como Péricles, enquanto o tipo estadista, pode inspirar um leitor de Tucídides”. Nas diversas “figuras” de “espírito livre”, “bons europeus”, “filósofos do futuro” ou “nós, eruditos”, parece ocorrer o mesmo procedimento monumental que na “figura Zaratustra”: uma intenção de Nietzsche *performar* a mesma função de um *exempla* monumental⁷¹.

É nesse ponto que a concepção de “retórica”, quando se fala nos modos de exposição em Nietzsche, exige uma observação para além da ótica “platônico-aristotélica”, e nisso, (conforme destaca Werner Stegmaier em nota de seu artigo sobre *Ecce homo*) a recepção, por exemplo, desse livro mostrou-nos exatamente diversas leituras sobre essa ótica da qual deveríamos abandonar⁷²: com Heidegger, ao considerar o livro como “ápice de uma delirante

⁶⁸ “If antiquity is to be interpreted as a grand idol of past which can and must be repeated another time in the presente (...) then only the grandest souls of the present are capable of assessing it. In order to evaluate the classical, one must have *surpassed* the classical models themselves: the assessor must stand above what he assesses.” JENSEN, *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*, p. 225.

⁶⁹ O que seria, basicamente, extrair benefícios do “valor da ilusão para a vida” como destaca Jenkins: JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 170.

⁷⁰ JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 171.

⁷¹ “I believe that all of these types can be understood as playing the comforting, motivating role of monumental *exempla*.” JENKINS, *Nietzsche's Use of Monumental History*, p. 178.

⁷² O problema fundamental (como destaca Cassin em relação ao horizonte que Hayden White tenta explorar) é que poucos intérpretes de Nietzsche levam a sério a interrogação de Jacques Rancière para compreender a discursividade dos textos de Nietzsche: “O problema não é o de saber se o historiador deve ou não fazer literatura, mas qual ele faz” CASSIN, *O efeito sofisticado*, p. 235.

apologia de si e de um narcisismo desmedido”; com Rodolphe Gasché, “ao interpretar *Ecce homo* como uma “forma” no sentido da forma de um ente (ἰδέα, no sentido de Platão, εἶδος[sic] no sentido de Aristóteles), mas que agora é a forma assumida pela vida de Nietzsche”; com Eric Bondel, que vê “em *Ecce homo* apenas 'um amontoado de mentiras, falsificações e encobrimentos, em uma palavra: egoísmo', por meio do qual Nietzsche expressamente reconhece a si próprio”, e, finalmente, com Peter Sloterdijk, que vê “o evento Nietzsche como uma catástrofe na história da fala” e ainda “reconhece Nietzsche somente como 'designer de moda', da 'onda individualista', como 'marca de um estilo de vida (Life-Style)': 'apenas palhaço, apenas poeta, apenas marqueteiro’”⁷³.

Contudo, e se todas essas inserções de elementos “retóricos” no texto de Nietzsche, dos contextos dos quais discutimos, não significasse exatamente “por o dedo na homonímia do *factum*” e mostrar como, de fato, ele foi “produzido” pelo discurso? Desse modo, de que outra forma poderíamos ler, por exemplo, *Ecce homo* para além da determinação e do *confisco* “platônico-aristotélico”?⁷⁴ Gostaríamos de indicar uma breve tentativa de interpretação pelos quais nos arriscamos no território da *tentativa*.

Se, como afirma Viesenteiner, *Ecce homo* constitui-se como uma espécie de “auto-genealogia filosófica”⁷⁵, então, isto nos parece plausível apenas enquanto um *exercício de pseudoepigrafia sofista*. Como um “testemunho”, conforme descrevem as primeiras linhas do prólogo de *Ecce homo*, o Nietzsche *doxógrafo* elabora uma espécie de “crítica do doxógrafo que não se contenta em 'anotar as opiniões’”⁷⁶ e, assim, cria um *efeito catastrófico* de “reversão da tese que ele mesmo expõe”, ou seja, “como efeito de uma retomada do adversário, 'de acordo com o que ele mesmo diz’”. O Nietzsche *doxógrafo fabula* sobre o Nietzsche *filósofo* para extrair daí algum “desequilíbrio”, alguma “refutação” enquanto veracidade das “condições genealógicas de seu pensamento” como produção discursiva. É, ainda, um traço *doxográfico*, cuja atividade do *filólogo* Nietzsche, no intento de apresentar o “sr. Nietzsche” *monumentalmente*, mostra-nos: a “conjectura filológica comporta um ato produtivo que não é inteiramente redutível ao pensamento consciente”⁷⁷. Ainda aqui, como “história verdadeira” no sentido de Luciano, *história verdadeira de si como filósofo*, só podemos reconhecer que *Ecce homo* não se trata de um livro necessariamente “auto-

⁷³ STEGMAIER, Werner. *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do §1 do Capítulo "Por que sou um Destino", de Ecce Homo*, nota 4, p. 242-243.

⁷⁴ Cf.: CASSIN, O *efeito sofisticado*.

⁷⁵ VIESENTEINER, *Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a “crítica da ‘razão da minha vida’” em Nietzsche*, pp. 327-353.

⁷⁶ CASSIN, O *efeito sofisticado*, p. 271.

⁷⁷ NASSER, *Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos*

biográfico”⁷⁸, a não ser que o “dar testemunho” do “sr. Nietzsche”, seja uma espécie de “roteiro inventado de uma declamação sem situação histórica específica’ ou essa própria ‘declamação”⁷⁹ ou carregue os traços “paradoxais e chistosos” de um Luciano “sophist's sophists”, como quer Graham Anderson⁸⁰. Neste sentido, uma das maneiras de interpretar “um livro de excessos” como *Ecce homo*, “saturado com a hiper-identidade de um Eu inflado” e repleto de “incongruências, contradições e discrepâncias” e que ainda “convida continuamente” a ser lido “como a história de uma vida”, como salienta Siemens⁸¹, seria esta: interpretar pelo menos alguns de seus “signos” e marcas discursivas como um “gesto sofista”, mais especificamente, como uma “epigrafia sofista”, em que o “plasma” substitui o “pseudos” e a *ficção* possa ser lida sem a *sansão* e o *confisco* “platônico-aristotélica”⁸². Nesse caso, o título do livro, por exemplo, suscita a velha *imitação* do “gesto discursivo de Górgias” em aplicar títulos que são ao mesmo tempo “provocativos” e também uma “exata inversão”⁸³: *provocação* enquanto alusão a uma oposição à figura de Cristo a partir das palavras de seu acusador Pilatos; *inversão*, na medida em que há a intenção de uma descrição doxográfica burlesca do filósofo em questão, o “sr. Nietzsche”. Para além das movimentações conceituais internas do texto, e ainda reconhecendo os diferentes compromissos e estratégias teóricas de Nietzsche, a façanha propriamente sofista que nos interessa identificar nesses elementos discursivos do texto do filósofo alemão é o esforço de por em prática “o funcionamento deliberado de um recurso da língua, onde o que está em jogo é tornar manifesta a maneira pela qual esse mesmo recurso já é explorado, mas de modo subreptício...”⁸⁴ na figura dos antípodas da tradição filosófica que Nietzsche aplica seu debate e interlocução: no caso de Górgias, isso é realizado em oposição ao “texto fundador de Parmênides”. Em Nietzsche, todavia, tanto a realização não é a mesma de Górgias, quanto seu oponente não é apenas a figura de Parmênides. Colocar-se a “si” como protagonista da “história”, a partir de uma

estudos clássicos, p. 97.

⁷⁸ VIESENTEINER, *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, p. 12.

⁷⁹ CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 223.

⁸⁰ ANDERSON, Lucian: a sophist's sophist. Apud: CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 238.

⁸¹ SIEMENS, *Umwertung Nietzsche's "war-praxis" and the problem of yes-saying and no-saying in Ecce Homo*, p. 183.

⁸² De acordo com Cassin, o “plasma” com sua significação de “modelar”, “revestir” que as nuances do verbo “plasso” oferecem, indica, no fundo, o aspecto positivo do “pseudos” confiscado pela filosofia (“*plasma* é o nome logológico do *pseudos*”) em sua “capacidade plástica” como “ficção”. Vale destacar ainda que, “da primeira à segunda sofística, passa-se da acusação de *pseudos* à reivindicação de *plasma*. [Parágrafo] A primeira sofística perdeu a guerra filosófica. Como se sabe, foi em nome da verdade que ela foi de início e sempre condenada: a principal acusação formulada por Platão bem como por Aristóteles pode ser inscrita no termo *pseudos*.” CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 218 e 215.

⁸³ CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 16.

⁸⁴ CASSIN, *O efeito sofístico*, p. 22.

pretensa grandeza “histórico-universal”⁸⁵, é, *monumentalmente*, levar à radicalidade o “plasma” como desconstrução-invenção da *boa narrativa de um si e má história*⁸⁶. Descompartimentando a própria noção de doxografia, Nietzsche parece *plasmar* em *Ecce homo*, as diversas potências historicamente diluídas do “estatuto sofisticado da linguagem”: imita tanto um *Diógenes Laércio sofista*, quanto um *Górgias*, e, por fim, um *Luciano sofista*, na medida em que explora a façanha do “funcionamento deliberado de um recurso da língua” pelo qual consegue pôr “o dedo na homonímia do *factum*”⁸⁷ *plasmando* “*um si mesmo*” como *pseudoepigrafia sofista*.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rodrigo F. *Se Nietzsche, então Sofística*. Outramargem: revista de filosofia, Belo Horizonte, n. 2, 1º semestre de 2015, pp. 273-280.
- BARNES, J., *Nietzsche and Diogenes Laertius*. In: Nietzsche-Studien. Band 15, 1986, pp. 16-40.
- BROBJER, Thomas H. *The Late Nietzsche's Fundamental Critique of Historical Scholarship*. In: DRIES, Manuel. Nietzsche on Time and History. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2008.
- CASSIN, Barbara. Efeito sofisticado. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. *Who's afraid of the sophists? Against ethical correctness*. Hypatia, Vol. 5 Number 4, 2000.
- CAVELL, Stanley. *Beginning to Read Barbara Cassin*. Hypatia, Vol. 15, Number 4, Fall 2000, pp. 99-101.
- CONSIGNY, Scott. *Edward Schiappa's reading of the Sophists*. In: Rethoric Review, Vol. 14, Nº. 2, pp. 253-269 (Spring, 1996).
- DB. Response to 'Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?'. In: Rethoric Review, Vol. 10, Nº. 2, pp. 390-391 (Spring, 1992).
- EMDEN, Christian J. *Nietzsche's Philosophy of History by Anthony K. Jensen* (review). In: The Journal of Nietzsche Studies, Volume 45, Issue 3, Autumn 2014, pp. 364-366.
- JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Tome 1. Gallimard, 1984.
- JENKINS, Scott. *Nietzsche's Use of Monumental History*. The journal of Nietzsche Studies, Volume 45, Issue 2, Summer 2014, pp. 169-181.
- JARRAT, Susan. The first sophists and the uses of History. In: Rhetoric Review, Vol. 6, N. 1 (Autumn, 1987), pp. 67-78.
- JENSEN, Anthony K.; *Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies*. In: DRIES, Manuel. Nietzsche on Time and History. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2008.
- LOPES, Rogério Antônio. Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2008. Tese de Doutorado disponível em:

⁸⁵ EH, *O Caso Wagner*, 4. STEGMAIER, Werner. *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do §1 do Capítulo "Por que sou um Destino"*, de *Ecce Homo*, nota 4, p. 244.

⁸⁶ CASSIN, *O efeito sofisticado*, p. 233.

⁸⁷ CASSIN, *O efeito sofisticado*, p. 239.

<<http://pct.capes.gov.br/teses/2008/32001010012P9/TES.pdf>> Acesso em Maio de 2015.

MACHADO, Isadora Lima. *Para além das palavras e das coisas: Friedrich W. Nietzsche e as Ciências da Linguagem*. Universidade Estadual de Campinas . Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação (Mestrado). Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000795611&fd=y>> Acesso em Maio de 2015.

MANN, Joel E. *Nietzsche's interest and enthusiasm for the greek sophists*. In: Nietzsche-Studien. Band 42, 2003, pp. 406-428.

NASSER, Eduardo. *Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos*. Hypnos, São Paulo, v. 34, 1º Sem., 2015, pp. 79-104.

NIETZSCHE, F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em: 5 de Maio. 2015.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

_____. *Assim Falou Zarathustra*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

_____. *O nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

_____. Segunda consideración intempestiva. 1a.ed. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2006.

_____. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

_____. *Obras completas*. Volumen II, Escritos Filológicos. Tecnos, Madrid, 2013.

PORTER, James I. *Nietzsche's Radical Philology*. In: JENSEN, Anthony K.; HEIT, Helmut (Ed.). *Nietzsche as a Scholar of Antiquity*. Bloomsbury, London, New york, 2014, pp. 27-50.

POULAKOS, John. *Sophistical rhetoric in classical greece*. University of South Carolina, 1995.

SCENTER-ZAPICO, John. The Case for the Sophists. In: Rethoric Review, Vol. 11, Nº. 2, pp. 352-367 (Spring, 1993).

SCHIAPPA, Edward. Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?. In: Rethoric Review, Vol. 10, Nº. 1, pp. 05-18 (Autumn, 1991).

_____. Some of my best friend are Neosophists: A response to Scott Consigny. In: Rethoric Review, Vol. 14, Nº. 2, pp. 272-279 (Spring, 1996).

_____. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. Yale University, 1999.

STEGMAIER, Werner. *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do §1 do Capítulo "Por que sou um Destino", de Ecce Homo*. Trans/Form/Ação, Marília, v.33, n.2, p.241-278, 2010.

STINGELIN, M. *Historie als "Versuch das Heraklitische Werden [...] in Zeichen Abzukürzen"*. Nietzsche Studien, vol. 22, The Gruyter, Berlin, New York, 1993, pp. 28-41.

TONGEREN, Paul v. A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre "Para além de bem e mal". Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Editora Champagnat, Curitiba, 2012.

SIEMENS, Herman. *Umwertung Nietzsche's "war-praxis" and the problem of yes-saying and no saying in Ecce Homo*. In: Nietzsche-Studien. Band 38, Pages 182-206, 2009.

VIESENTEINER, Jorge. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*. Editora: Phi, Campinas, SP, 2013.

_____. *Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a "crítica da 'razão da minha vida'" em Nietzsche*. In: v. 1 n. 2 Jul./Dez. 2010, pp. 327-353.

WHITMAN, J. *Nietzsche in the Magisterial Tradition of German Classical Philology*. *The Journal of History of Ideas*. Vol. 47, nº 3 (Jul.-Sep., 1986), pp. 453-468.